

Colonial ou não colonial, eis a questão: Curt Nimuendajú como colecionador para museus brasileiros e europeus

PETER SCHRÖDER

<https://orcid.org/0000-0001-9084-7106>

Universidade Federal de Pernambuco / Recife, PE, Brazil

SCHRÖDER, Peter. Colonial ou não colonial, eis a questão: Curt Nimuendajú como colecionador para museus brasileiros e europeus. *Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material*, São Paulo, v. 33, p. 1-23, 2025.

DOI: <https://doi.org/10.11606/1982-02672025v33e37>

AN. MUS. PAUL. São Paulo, Nova Série, vol. 33, 2025, p. 1-23. e37

RESUMO: O antropólogo brasileiro de origem alemã Curt Nimuendajú é considerado um personagem central na história da antropologia brasileira. Sua biografia é caracterizada por múltiplos papéis como um etnógrafo brilhante, um incansável documentarista de línguas indígenas, um pioneiro na arqueologia amazônica e um obstinado defensor de direitos indígenas às suas terras e a sua sobrevivência física, mas ele também ficou conhecido por suas atividades colecionistas para museus brasileiros e europeus. A principal questão deste artigo é: Como caracterizar as atividades colecionistas de Nimuendajú? Elas podem ser interpretadas como típicos empreendimentos coloniais realizados por um homem branco hetero? As respostas só podem ser encontradas ao estudar a documentação detalhada de suas atividades, a qual foi arquivada em vários museus brasileiros, alemães e suecos e foi publicada em partes. Uma reconstrução cuidadosa das circunstâncias e dos itinerários das expedições e pesquisas de campo de Nimuendajú mostra que seu caso não é adequado para confirmar determinados estereótipos sobre práticas colecionistas para museus europeus. Ao contrário de outros casos, Nimuendajú não organizou suas coleções por roubo, pilhagem ou trapças. Em vez disso, ele preferiu negociações, às vezes bastante demoradas, pagamentos, escambos e estímulos para reproduzir objetos não mais confeccionados, sempre estabelecendo relações simétricas com seus anfitriões indígenas. Isto reforça a posição defendida neste trabalho de que o estudo das práticas históricas de organizar coleções para museus etnológicos precisa ser baseado numa avaliação cuidadosa das biografias dos colecionadores para evitar o risco de repetir uma série de clichês e estereótipos.

PALAVRAS-CHAVE: Colecionismo. História da antropologia. Etnologia alemã. Coleções etnográficas.

ABSTRACT: The Brazilian anthropologist of German origin, Curt Nimuendajú, is considered a central figure in the history of Brazilian anthropology. His biography is marked by multiple roles: a brilliant ethnographer, an indefatigable recorder of indigenous language materials, a pioneer in Amazonian archaeology, and an unyielding defender of indigenous rights to life and land; but he also became known for his collecting activities for Brazilian and European museums. The central question of this paper is: how should Nimuendajú's collecting activities be characterised? Can they be interpreted as a typical colonial enterprise undertaken by a White heterosexual male? The answers can only be found via a study of the detailed documentation of his activities, archived in various Brazilian, German, and Swedish museums and partially published. A careful reconstruction of the circumstances and itineraries of Nimuendajú's expeditions and field trips shows that his case is not suitable to confirm certain stereotypes about collectors' practices for European museums. Unlike in other cases, Nimuendajú did not compile collections for museums by robbery, looting, or trickery. Instead, he often relied on wearisome negotiations, payments, barter, and incentives to reproduce objects no longer fabricated, always establishing symmetrical relationships with his indigenous hosts. This reinforces my main argument that the study of historical collecting practices for ethnological museums must be based on careful evaluation of collectors' biographies in order to avoid the risk of repeating clichés and stereotypes.

KEYWORDS: Collecting Practices. History of Anthropology. German Ethnology. Ethnographic Collections.

INTRODUÇÃO¹

Este artigo oferece um exemplo fascinante de um colecionador e etnólogo bem conhecido, com o objetivo de estimular a repensar não só o passado da antropologia, mas também clichês e estereótipos atuais referentes à coleção de objetos etnográficos para museus.

Durante as últimas décadas, vozes críticas frequentemente consideravam os museus etnológicos, e às vezes os museus em geral, como os últimos grandes baluartes de um passado colonial e imperialista caracterizado por pilhagem, saque e roubo de objetos valiosos de suas sociedades de origem, as quais precisam ser compensadas pelas perdas e traumas passados. A maioria das comunicações apresentadas durante a conferência citada em nota 1 ilustra bem estas críticas. Muitas críticas deste tipo, no entanto, ignoram que muitos museus não têm nenhum passado colonial e, em vez disso, podem representar esforços locais de conservar patrimônios culturais.

Discussões sobre o passado de museus etnológicos não representam nenhuma novidade, mas começaram nas décadas de 1960 e 1970, no mesmo período quando críticas destacadas e importantes do passado colonial da antropologia, como os livros de Gérard Leclerc e Talal Asad, foram publicadas.² As primeiras demandas por restituição de objetos etnográficos depositados em museus europeus foram articuladas por governos de vários países africanos que há pouco tempo tinham conquistado sua independência política. Um dos primeiros defensores de uma política de restituição dentro do *establishment* antropológico foi Herbert Ganslmayr (1937-1991),³ diretor do Überseemuseum em Bremen (Alemanha), que naquela época frequentemente recebeu críticas de seus pares por suas ideias. Estas primeiras iniciativas, no entanto, eram bastante tímidas e frequentemente fracassaram devido à resistência política das administrações dos museus e dos governos no Hemisfério Norte.

Uma mudança profunda nas discussões sobre o passado colonial de muitos museus e as diferentes formas de reagir a ele têm acontecido desde o início dos anos 2000 no contexto da teoria pós-colonial,⁴ tanto entre profissionais acadêmicos quanto entre ativistas não acadêmicos. Além da crescente pressão política a favor de restituições abrangentes de todos os tipos de coleções suspeitas de ter origens coloniais, outras propostas incluem transformações radicais das expografias museais e de suas políticas de representação.⁵ O caso do Humboldt Forum em Berlim é bastante ilustrativo, já que a exposição de suas coleções no centro da cidade, no Palácio Imperial reconstruído, acendeu discussões sobre suas origens e destinos. O historiador e jornalista Götz Aly, por exemplo, escreveu um bestseller denunciador sobre objetos melanésios e micronésios das antigas colônias alemãs na Oceania, atualmente guardados no Ethnologisches Museum de Berlim e em outros museus alemães, ilustrados pelo caso de uma embarcação esplêndida da ilha Luf.⁶

1. Uma versão menor deste artigo foi apresentada durante a Imperial Lives Conference, organizada pelo Rautenstrauch-Joest-Museum, Colônia, em 30 de março de 2023 (Panel “Science and Violence”) (Imperial Lives..., 2023; com relação à conferência, ver <https://imperiallives.com/>; acesso em 29 de junho de 2025).

2. Asad (1973), Leclerc (1972).

3. Paczensky e Ganslmayr (1984).

4. Por exemplo, Adams (2017) ou Legassick e Rassool (2000).

5. Por exemplo, Brücke-Museum *et al.* (2022), Lonetree (2012) ou Onciul (2015).

6. Aly (2021). Para uma crítica mordaz do estilo de pesquisa de Aly ver Hauser-Schäublin (2021).

7. Por exemplo, Ferreira (2005), Petscheli (2023) e Souza (2021).

8. Nash (2023).

9. Kuper (2023).

10. *Id.*, p. 18.

11. Ehrlich (1970), Nimuendajú (2000), Welper (2019).

Embora a maioria dos museus brasileiros não compartilhe as histórias de suas contrapartidas europeias e norte-americanas, as discussões sobre as origens de coleções etnográficas históricas não ficam sendo silenciadas no Brasil, sobretudo no que diz respeito às práticas colecionistas de algumas figuras proeminentes como o antigo diretor do Museu Paulista, Hermann von Ihering (1850-1930)⁷. No Brasil, os debates atuais sobre coleções etnográficas em museus nacionais ou regionais têm seus enfoques em expografias decoloniais e novas formas de representação, enquanto demandas por restituição tendem a ser direcionadas aos museus do Hemisfério Norte.

Num artigo recente, Stephen Nash⁸ destaca as funções educacionais de museus e as possibilidades que eles oferecem aos visitantes de ganhar acessos diferenciados ao mundo por meio dos objetos. Ao mesmo tempo, ele não nega o passado e presente vergonhoso de muitos museus, mas avisa seus leitores que há um risco sério de jogar fora “a criança cívica e científica com a água do banho.”

As críticas generalizantes e crescentemente raivosas contra todos os tipos de museus, sobretudo os etnológicos, exigindo seu fechamento, também colocaria em risco os inúmeros museus comunitários, indígenas ou não indígenas, os quais foram criados durante as últimas décadas em todas as partes da América Latina. Ou, como Kuper observa, “o enfoque no período colonial é indiscutivelmente enganoso.”⁹

A necessidade de diferenciar o que é dito sobre o passado e presente de museus também se aplica aos colecionadores e suas atividades. Para citar Kuper outra vez: “A condenação generalizada de todas as transações na era imperial minimiza a importância das agências locais.”¹⁰ Com este artigo quero apresentar um caso que não se encaixa bem, ou que não se encaixa de maneira alguma, numa perspectiva sobre o passado da antropologia que caracteriza as atividades de colecionadores apenas como roubo, pilhagem ou trapaça.

O antropólogo brasileiro de origem alemã Curt Nimuendajú (1883-1945) atualmente é considerado uma das figuras centrais na história da antropologia brasileira. Apesar de ter começado como pesquisador autodidata, ele ficou conhecido como um dos principais especialistas sobre a população indígena no Brasil na primeira metade do século XX. Sua biografia é caracterizada por múltiplos papéis como um etnógrafo brilhante, um incansável documentarista de línguas indígenas, um pioneiro na arqueologia amazônica e um obstinado defensor de direitos indígenas às suas terras e a sua sobrevivência física, mas ele também ficou conhecido por suas atividades colecionistas para museus brasileiros e europeus.

Este artigo é baseado em pesquisas bibliográficas e documentais. Não existe nenhuma publicação principal sobre as atividades colecionistas de Nimuendajú, como uma monografia ou um artigo extenso, mas apenas trabalhos menores e trechos fragmentados em livros sobre sua vida e obra. Devido a esta situação, os argumentos apresentados neste artigo se baseiam em sua volumosa correspondência com diversos interlocutores acadêmicos. Uma parte desta correspondência já foi publicada,¹¹ enquanto outras partes apenas podiam ser consultadas diretamente em arquivos na

Universidade de Marburg e no Grassi Museum em Leipzig, Alemanha, e no Museu das Culturas do Mundo em Gotemburgo, Suécia, entre 2010 e 2024.

QUEM ERA NIMUENDAJÚ?

Estudei a vida e obra de Nimuendajú desde 2009 no contexto de diversos projetos de pesquisa sobre as relações entre as antropologias brasileira e alemã no século XX. Ele nasceu em 17 de abril de 1903 em Jena, na Turíngia, e foi batizado como Curt Unckel. Sendo órfão de pai e mãe desde os primeiros anos de vida, ele foi criado e educado por vários parentes. Depois de ter terminado o antigo segundo grau escolar (*Gymnasium*), ele ingressou no quadro dos operários da fábrica de instrumentos ópticos Carl Zeiss, sendo treinado como operário especializado. Em seu tempo de lazer, Unckel leu literatura geográfica, etnológica e de viagens na biblioteca pública fundada por Ernst Abbe, diretor da empresa Zeiss. Em 1903, com vinte anos de idade, ele decidiu pedir demissão de seu emprego na Carl Zeiss para emigrar para o Brasil, com ajuda financeira de sua meia-irmã Olga Richter.

Naquela fase de sua vida, seu objetivo principal era viver entre os indígenas, algo um pouco romântico inspirado por suas leituras em Jena. Em 1905, depois de um período de incerteza e adaptação ao novo ambiente social e cultural em Santos e São Paulo, o jovem Unckel foi contratado como assistente não qualificado da Comissão Geográfica e Geológica de São Paulo (CGGSP) para uma expedição com o objetivo de explorar a região do rio Feio no interior paulista. Em determinado momento, ele conseguiu se afastar da expedição e se juntar a um grupo Guarani.

De 1905 a 1907, ele vivia entre os Apapokuva-Guarani na região do rio Batalha (São Paulo), onde recebeu seu nome indígena, Nimuendajú, num ritual de batismo detalhadamente descrito em sua primeira publicação científica.¹² Ele usou este nome em todas as publicações a partir de 1908 até seu falecimento e o adotou como sobrenome ao optar pela nacionalidade brasileira, em 1926. Ele morreu em 10 de dezembro de 1945 numa aldeia Ticuna (Santa Rita do Weil), no município de São Paulo de Olivença, na região do Alto Solimões (Amazonas). A causa de sua morte nunca foi apurada definitivamente, o que fez surgir especulações se ela teve causas naturais ou se foi assassinato.¹³

Por mais de quatro décadas, Nimuendajú realizou pesquisas etnológicas sobre povos indígenas e empreendeu pelo menos 34 pesquisas de campo e expedições. Ele tinha conhecimentos diretos, de primeira mão, de mais de 50 povos indígenas e produziu um número considerável de publicações, das quais algumas foram lançadas apenas postumamente. A maioria de suas monografias etnográficas tornaram-se clássicos da literatura antropológica sobre a América do Sul indígena e ainda são bastante citadas na atualidade. Além disso, ele fez parte de uma extensa rede acadêmica transnacional, mantida, sobretudo, por correspondências¹⁴ (Figura 1)

12. Nimuendajú (1914).

13. Oliveira (1999). Elena Welper (2016) oferece um tipo de genealogia das diferentes versões da morte de Nimuendajú.

14. Schröder (2022).

15. Viveiros de Castro (1987, p. XVIII).

16. Nimuendajú (2000), Welper (2002).

17. Menchén (1979), Pane Baruja (2014).

18. Schröder (2011, 2019a, 2019b).



Figura 1 – Curt Nimuendajú em Gotemburgo, Suécia, 1934 (fotógrafo desconhecido; CELIN/ Museu Nacional/UFRJ, Rio de Janeiro).

Na bibliografia póstuma sobre a vida e a obra de Nimuendajú, podem ser distinguidos dois períodos principais. O primeiro, que vai da sua morte em 1945 até meados da década de 1960, caracteriza-se por sinopses biográficas curtas, repletas de elogios ao seu extraordinário estilo de pesquisa e às suas abnegações materiais. Viveiros de Castro chama esse tipo de literatura de “hagiologia”.¹⁵ Um período de renovado interesse pode ser identificado a partir de 2000, com a publicação da correspondência de Nimuendajú com Carlos Estêvão de Oliveira por Thekla Hartmann e a dissertação de mestrado de Elena Welper.¹⁶ O Nimuendajú que surge nestas e nas publicações subsequentes não é mais um herói etnográfico solitário no interior brasileiro, mas sim um autor e testemunha importante na história da antropologia brasileira e em suas relações com a etnologia alemã. O estudo de sua volumosa correspondência com inúmeros interlocutores em todo o mundo foi o ponto de virada fundamental para a avaliação renovada da vida e obra de Nimuendajú. Vale ressaltar, porém, que as únicas duas biografias de uma figura tão importante na história da antropologia brasileira foram escritas por jornalistas, com todas as deficiências da análise não científica, embora a segunda, de Pane Baruja, seja evidentemente mais precisa.¹⁷ Foi também nas últimas décadas que as atividades colecionistas de Nimuendajú para museus passaram a receber maior ênfase, não apenas como parte central de sua biografia, mas também como prática profissional comum no contexto da etnologia alemã contemporânea.¹⁸

COMO NIMUENDAJÚ SE TORNOU UM COLECIONADOR PROFISSIONAL?

A resposta pode ser bem curta e simples: por circunstâncias. Ele nunca imaginou tornar-se um colecionador profissional para museus etnográficos durante seus primeiros anos no Brasil. Nimuendajú era multitalentoso, o que garantiu sua sobrevivência profissional e financeira como migrante. Seus interesses em relação aos povos indígenas podem ser identificados como indigenismo, etnologia, linguística, arqueologia e a coleta de objetos etnográficos e arqueológicos. Os dois primeiros foram os mais importantes em sua biografia profissional, desde a imigração para o Brasil até sua morte (indigenismo desde 1910 e etnologia desde 1914). Como enfatizou em inúmeras cartas, sua preferência era envolver-se com povos indígenas vivos, em vez de estudar objetos confeccionados por eles no passado ou no presente. Isso fica explícito, por exemplo, em uma carta escrita a Herbert Baldus (1899-1970), outro etnólogo nascido na Alemanha e um de seus principais correspondentes, em 10 de novembro de 1943. Ao escrever sobre seu estado de saúde, Nimuendajú comenta:

Dois dias depois da minha chegada no Rio, começou a se manifestar um glaucoma no olho esquerdo que, dentro de alguns poucos dias, me deixou quase cego. Combati o mal imediatamente e assim consegui reter a sua marcha, de maneira que hoje posso considerá-lo um caso vencido.

Fazendo, porém, os indispensáveis exames gerais, análises etc., os médicos chegaram à conclusão de que o meu estado sanitário era tal que eu devia abandonar de uma vez por todas a minha vida de sertão e de vivência com os índios.¹⁹ De fato, impuseram-me uma tal dieta que eu jamais poderia cumprir senão realmente nos grandes centros de civilização.

A mim, semelhante solução causou uma grande tristeza. O Sr. sabe bem como eu amava esta vida e como eu estava identificado com os índios. Parece-me incrível que eu nunca mais hei de ver os campos dos Canela banhados em sol nem os igapós sombrios dos Ticuna. Além do que, eu pensava ainda em fazer algumas coisas que agora talvez nunca mais serão feitas.²⁰

Este trecho não parece ser o cartão de visita de um típico explorador colonial, mas isso pode ser apenas uma impressão superficial, que deve ser corroborada por evidências adicionais.

Independentemente de sua paixão de “viver entre os índios”, Nimuendajú esteve sempre em dificuldades financeiras, desde seus primeiros dias até a morte, não por incapacidade pessoal de economizar dinheiro, mas pelas condições precárias e pelos contratos mal remunerados de seu trabalho. Tambascia analisou esse tema em detalhe em seu artigo sobre a “fragilidade institucional” de Nimuendajú, com

19. Embora atualmente seja um *verbum non gratum* também no Brasil, Nimuendajú usava a palavra, bastante comum durante sua vida, sem qualquer conotação negativa. A nomenclatura oficial atual é povos indígenas ou povos originários, que não estavam disponíveis para Nimuendajú e têm origem em contextos globalizados após a Segunda Guerra Mundial, como aponta Halbmayr (2018). No século XX existiam muitas outras palavras, geralmente mais pejorativas, para discriminar e humilhar os povos indígenas.

20. Publicado em Welper (2019, p. 149-150). A ortografia brasileira atual corresponde à letra publicada em Welper (2019). O documento original não pode ser consultado, pois se transformou em cinzas quando o Museu Nacional, no Rio de Janeiro, foi destruído por chamas em 2 de setembro de 2018.

21. Tambascia (2020).

22. Penny (2002).

23. Kraus (2004).

24. Petschelies (2022).

25. Guggeis (2009).

26. O primeiro nome oficial do Serviço de Proteção aos Índios (SPI), criado em 20 de junho de 1910 pelo Decreto nº 8.072, foi SPILTN (Serviço de Proteção aos Índios e Localização dos Trabalhadores Nacionais). O SPI foi a primeira agência federal do Brasil encarregada de proteger os povos indígenas contra todos os tipos de violência e foi o predecessor da atual Fundação Nacional dos Povos Indígenas (FUNAI), criada em 5 de dezembro de 1967. Antes de 2023, seu nome oficial era Fundação Nacional do Índio, com a mesma sigla.

base em sua correspondência com o etnógrafo e fotógrafo brasileiro Harald Schultz (1909-1966) e outros interlocutores.²¹ Esse foi o alto preço que ele pagou por seu desejo de autonomia profissional e sua resistência abnegada a inúmeras ofertas de trabalho no serviço público. Em outras palavras, ele nunca se tornou rico, nem como colecionador nem por qualquer outra atividade. Para Nimuendajú, organizar coleções etnográficas para museus brasileiros e estrangeiros era apenas um dos meios para garantir seu sustento, mas ele o fazia com zelo e competência, muito apreciados pelos museus que adquiriram os objetos. Ele começou a colecionar em 1915 e continuou até sua morte, embora, a partir de meados da década de 1930 até o fim de sua vida, a coleta de objetos etnográficos tenha se tornado menos importante em comparação ao seu trabalho e legado etnográfico.

As atividades colecionistas de Nimuendajú não começaram numa espécie de vácuo institucional. Muito pelo contrário, os objetos que ele coletou entraram em um mercado consolidado e bem estruturado de *ethnographica* dominado por museus europeus e norte-americanos, bem como por colecionadores privados. A coleta de objetos etnográficos atingiu seu ápice em meados do século XIX com a criação de numerosos museus etnológicos (ou parcialmente etnológicos) no Hemisfério Norte, frequentemente, mas nem sempre, ligados diretamente às ambições e políticas coloniais e imperialistas de seus países. Como mostra Penny,²² os primórdios da antropologia institucionalizada na Alemanha devem ser localizados nos museus etnológicos, e não nos departamentos universitários. Os museus etnológicos de várias cidades alemãs foram os patrocinadores financeiros de uma série de famosas expedições etnográficas realizadas por etnólogos alemães em diferentes regiões da América do Sul entre 1880 e o início da Primeira Guerra Mundial.²³ Embora algumas dessas expedições tenham sido financiadas por recursos dos próprios etnógrafos ou de suas famílias, eles conseguiram, ao final, receber pelo menos um reembolso parcial ao vender as coleções etnográficas compiladas durante as expedições.²⁴ Além dos museus, havia também empresas comerciais especializadas em objetos etnográficos, como a casa Umlauff em Hamburgo.²⁵ Um dos impactos da Primeira Guerra Mundial foi um declínio considerável na demanda de muitos museus europeus por objetos etnográficos devido a sucessivas crises orçamentárias, especialmente entre os museus alemães, enquanto, ao mesmo tempo, os museus americanos estavam em ascensão. Nesse cenário de guerra e pós-guerra, o principal desafio de Nimuendajú como colecionador era ter acesso a essas redes e conquistar uma reputação de colecionador competente e confiável.

O primeiro contato de Nimuendajú com museus etnográficos ocorreu em 1909, em São Paulo, após seu retorno dos Apapokuva-Guarani, quando foi empregado pelo Museu Paulista como “naturalista”, devido ao seu conhecimento íntimo dos grupos indígenas no Estado de São Paulo. Em 1910, porém, quando o Serviço de Proteção aos Índios (SPI)²⁶ foi criado pelo governo brasileiro, ele abandonou imediatamente essa posição para ingressar na nova agência.

De 1910 a 1913, ele trabalhou para o SPI entre diversos grupos indígenas no Sul do Brasil. Em 1913, ele foi transferido para Belém do Pará, onde ele teria sua residência permanente até o fim de sua vida, em dezembro de 1945. De 1913 a 1914, antes de ser designado para um posto avançado do SPI no estado vizinho do Maranhão, Nimuendajú passou quase inativo na burocracia do SPI em Belém. Foi nesse período que ele iniciou contatos com a equipe do Museu Paraense Emílio Goeldi, uma das instituições de pesquisa mais prestigiadas do Brasil.²⁷

Graças à mediação da diretora do museu, a ornitóloga alemã Emilie Snethlage (1868-1929),²⁸ ele conseguiu publicar, em 1914, seu primeiro trabalho científico, um artigo etnográfico volumoso e muito detalhado, “As lendas da criação e destruição do mundo como fundamentos da religião dos Apapocúva-Guarani”, na então renomada *Zeitschrift für Ethnologie* em Berlim.²⁹ Essa monografia etnográfica tornou-se um marco para a etnologia americanista, especialmente a etnologia das terras baixas da América do Sul, devido ao seu vívido relato da cosmologia e religião de um povo indígena – oito anos antes dos Argonautas de Malinowski,³⁰ embora sem as ambições científicas deste. Snethlage decidiu mediar esse contato com a revista berlinense, porque reconheceu o talento etnográfico de Nimuendajú ao ler o manuscrito. Mais tarde, Nimuendajú e Snethlage tornaram-se aliados leais e firmes durante o período extremamente difícil do museu, de 1914 a 1922, ano em que Snethlage finalmente obteve sua transferência para o Museu Nacional do Rio de Janeiro.

Em fevereiro de 1915, Nimuendajú foi inesperadamente demitido do SPI devido ao clima germanofóbico durante a Primeira Guerra Mundial, embora o Brasil ainda não tivesse aderido à aliança contra o Império Alemão e seus aliados. Para justificar sua demissão, ele foi acusado, sem qualquer prova, de ser um espião do Império Alemão, como relatou posteriormente em uma carta ao etnólogo sueco Barão Erland Nordenskiöld (1877-1932).³¹ De repente, Nimuendajú ficou sem perspectivas de novo emprego. Além disso, o Estado do Pará vivia um grave declínio econômico após o fim do primeiro ciclo da borracha. Snethlage, porém, apesar de sua delicada situação como cidadã alemã e como mulher, decidiu que os talentos de Nimuendajú não deveriam ficar perdidos para o museu.

De 1 de junho a 15 de outubro de 1915, Nimuendajú realizou sua primeira expedição científica independente, financeiramente apoiada pelo Museu Goeldi, com a instrução de montar uma coleção etnográfica para o museu entre os Aparai, no norte do Estado do Pará. Com a ajuda de seringueiros locais, ele navegou com sucesso a jusante pelos rios Jari, Maracá e Paru, chegando finalmente a um grupo de Aparai no rio Paru. Retornou com uma considerável coleção de objetos etnográficos, porém em condições de saúde muito precárias. Apenas alguns dias após seu retorno a Belém, em 23 de outubro de 1915, escreveu uma carta detalhada ao etnólogo alemão Theodor Koch-Grünberg (1872-1924), um de seus principais interlocutores epistolares entre 1915 e 1924, descrevendo a expedição e suas relações com os Aparai:

27. O Museu Paraense Emílio Goeldi, também conhecido por Museu Goeldi, foi fundado em 1866 como o Museu do Pará de História Natural e Etnografia. Em 1902, o museu foi renomeado em homenagem ao seu diretor Émil August Goeldi (1859-1917), um famoso naturalista e zoólogo nascido na Suíça. Goeldi exerceu a direção de 1894 a 1905. Desde sua fundação, o Museu Goeldi passou a ser reconhecido gradualmente como uma das principais instituições de pesquisa para a região amazônica. Em sua fase inicial, seu corpo científico e técnico era composto principalmente por imigrantes de língua alemã. Atualmente, o Museu Goeldi é uma instituição de pesquisa federal mantida pelo Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação (MCTI).

28. Ver Sanjad (2019).

29. Nimuendajú (2014).

30. Malinowski (1922).

31. Carta para Erland Nordenskiöld, 7 de fevereiro de 1925, Världskulturmuseet Göteborg, pasta E 1:15 (1925).

32. Nachlass Theodor Koch-Grünberg, Völkerkundliche Sammlung der Philipps-Universität Marburg, VK MR G.II.1. Trad. Miriam Junghans. Orig.: „10 oder 12 Tage lang aß ich fast nichts und kam dadurch natürlich ganz furchtbar herunter. Die Aparai sowohl Männer wie Frauen bemühten sich in einer Weise um mich der ich nicht genug Anerkennung zollen kann. Civilisierte konnten mich mit mehr Sachkenntnis, unmöglich aber mit mehr Hingabe pflegen. Das erzähle ich hier herum überall daß ich, als ich mich schließlich von den Aparai trennte, ich als ihr Schuldner ging, ja vielleicht ihnen mein Leben verdankte. Sie kochten mir jeden Morgen einen Thee aus Capim Marinho und Garapa und nötigten mich beständig, wenigstens etwas Tapiokabrei zu mir zu nehmen. Wenn ich nachts stöhnte so zündeten sie Fackeln an setzten sich neben meine Hängematte, fragten eingehend wie und wo es mir weh täte und blieben sitzen bis ich ruhiger wurde. Da ich selbst nicht mehr aufstehen konnte so verpackten sie sorgfältig meine Sammlung und machten eine besonders große Ubá damit ich mich darin hinlegen könnte. [...] Vom 23 September an besserte sich mein jammervoller Zustand etwas so daß ich am 29. Oktober [sic], genau 1 Monat nach meiner Ankunft in der Aldea, die Rückreise antreten konnte. Sie gehörte bei meiner Verfassung wahrlich nicht zu den Annehmlichkeiten dieses Lebens, ging aber in 10 Tagen (Bergfahrt 31 Tage!) glatt von statten und die Aparai behandelten mich bis zum letzten Augenblick mit der gleichen Fürsorge. In der Dampferstation trennte ich mich von ihnen und am 15 Oktober kam ich mit meiner Sammlung glücklich in Belém an, ohne daß bei der tollen Talfahrt auch nur ein Stück verloren gegangen oder

Não comi nada durante dez ou 12 dias, o que, é óbvio, me deixou terrivelmente abatido [de malária]. Os Aparai, homens e mulheres, se preocuparam comigo de tal forma que não posso lhes agradecer o suficiente. Civilizados poderiam ter cuidado de mim com maior perícia, mas não com mais dedicação. Conto por aí que, quando finalmente deixei os Aparai, deixei-os como devedor, talvez da minha própria vida. A cada manhã, cozinhavam para mim um chá de *capim marinho* e *garapa* e sempre insistiam para que eu comesse ao menos um pouco de mingau de *tapioca*. Quando à noite eu gemia, acendiam tochas e sentavam-se ao lado da minha rede, perguntando, repetidamente, como e onde estava doendo e ficavam sentados até que eu me acalmasse. Como eu não estava conseguindo nem mesmo levantar, empacotaram com cuidado minha coleção e fizeram uma *ubá* bem grande, para que eu pudesse deitar-me dentro dela. [...]

A partir de 23 de setembro, meu estado lastimável começou a melhorar, de maneira que, em 29 de outubro [sic; na realidade, 29 de setembro], exatamente um mês depois de ter chegado à *aldeia*, pude encetar a viagem de regresso. Na situação em que estava, essa viagem não foi exatamente uma das coisas mais agradáveis dessa vida, mas foi rápida e tranquila; foram dez dias (leveei 31 dias para a subida!) e os Aparai cuidaram de mim até o último instante com a mesma dedicação. Separei-me deles na estação dos barcos a vapor, em 15 de outubro, e cheguei a Belém feliz com minha coleção, pois, apesar da vertiginosa viagem rio abaixo, não perdi uma única peça e nenhuma sofreu algum dano maior, graças à fabulosa habilidade dos Aparai em vencer as *cachoeiras*.³²

Isto não parece ser um relato de uma incursão colonial liderada por um antropólogo poderoso e onipotente que explorava “nativos” benevolentes. Pelo contrário, a benevolência era recíproca, e a coleção era composta por objetos adquiridos espontaneamente por meio de troca. Além disso, parte da coleção tem permanecido no Museu Goeldi até hoje e poderia facilmente ter sido substituída por objetos semelhantes ou idênticos fabricados pelas mesmas pessoas.

Neste caso, o principal beneficiário tinha outro nome, e de alguma forma a pessoa explorada era o próprio Nimuendajú. A outra parte da coleção foi adquirida pelo antropólogo americano William Curtis Farabee (1865-1925) para o Penn Museum da Universidade da Pensilvânia. Farabee nunca viajou rio acima nem teve contato com os Aparai, mas mais tarde publicou um artigo sobre eles, citando Nimuendajú como “Mr. C. N. Unckle, um cientista alemão, [...] enalhado no Pará.”³³ Embora reconhecesse os esforços de Nimuendajú e as dificuldades que ele suportara, a publicação das informações etnográficas sobre os Aparai, e o reconhecimento acadêmico correspondente, foi exclusivamente creditada a Farabee. Na sua representação da expedição, o papel de Nimuendajú foi reduzido ao de um auxiliar local, enquanto Farabee colheu os louros.

Contudo, esta foi apenas a primeira expedição de Nimuendajú como colecionador.

UM ESTILO DIFFERENTE DE COLETAR

Embora muitos documentos, especialmente cartas, sobre as atividades de Nimuendajú como colecionador ainda precisem ser publicados, agora temos uma imagem mais clara de suas práticas colecionistas.³⁴ De 1923 a 1926, sua principal atividade foi a coleta de objetos arqueológicos para o Museu Etnográfico de Gotemburgo,³⁵ e de 1928 a 1930 ele realizou duas expedições ao interior do Brasil, organizando coleções etnográficas para os museus etnológicos alemães em Leipzig, Dresden e Hamburgo. Mesmo depois que suas relações contratuais com os museus alemães terminaram, ele continuou vendendo objetos etnográficos para museus europeus (especialmente Berlim e Gotemburgo) até o início da Segunda Guerra Mundial. Sob o regime Vargas (1930-1945), contudo, ele foi legalmente obrigado a entregar e vender ao menos metade dos objetos coletados durante seu trabalho de campo para museus brasileiros, a saber, o Museu Nacional e o Museu Goeldi.

Nunca foi segredo que Nimuendajú fazia parte de uma rede comercial internacional, mas ele não era um grande comerciante nem negociador. Ele pode ser descrito melhor como um fornecedor competente. Mas como devem ser avaliadas as suas atividades de coleta em campo? As respostas só podem ser encontradas ao estudar a documentação detalhada das suas atividades, arquivada em museus brasileiros, alemães, americanos e suecos e publicada parcialmente. Isso exige uma reconstrução cuidadosa das circunstâncias e itinerários das expedições e viagens de campo de Nimuendajú. Por um lado, a coleta de objetos etnográficos e arqueológicos e a sua venda a museus eram um meio de garantir sua sobrevivência financeira; por outro lado, constituíam uma parte essencial da sua prática etnológica. Isso só pode ser compreendido no contexto histórico e teórico da etnologia alemã contemporânea.

Suas coleções tornaram-se particularmente valiosas devido às informações etnográficas detalhadas fornecidas junto aos objetos (Figuras 2 e 3). Como muitos etnólogos de língua alemã cujas obras ele havia lido, Nimuendajú acreditava que a materialidade era uma das expressões mais proeminentes da cultura e que os objetos ofereciam acesso privilegiado à compreensão cultural. Ao mesmo tempo, ele mantinha uma visão cética sobre a exibição de objetos etnográficos em museus, como comentou a Koch-Grünberg em uma carta de 10 de maio de 1922:

O que o senhor diz, sobre a impressão que lhe causam as coleções etnográficas em geral, eu também senti, mais de uma vez, no Museu Goeldi. Também Steinen escreveu: “No fundo, a imagem dos tempos passados que conservamos em nossos museus é apenas um miserável apanhado de coisas. A vida de um povo em uma vitrine!”³⁶

erheblich beschädigt worden wäre, dank der fabelhaften Geschicklichkeit der Aparai in der Überwindung der Caxoeiras.“ Em itálicos, palavras em português usadas na carta original; entre colchetes, explicações da tradutora.

33. Farabee (1919, p. 105).

34. Schröder (2011, 2019a, 2019b).

35. Nimuendajú (2004).

36. Nachlass Theodor Koch-Grünberg, Völkerkundliche Sammlung der Philipps-Universität Marburg, VK MR A.33. Trad. Miriam Junghans. Orig.: „Was Sie da von dem Eindruck sagen den ethnographische Sammlungen im allgemeinen auf Sie machen das habe ich im Museu Goeldi mehr als einmal auch empfunden. Auch Steinen schrieb ja: „Eine armselige Zusammenstoppelung ist doch nur im Grunde das in unsern ethnologischen Museen erhaltene Bild vergangener Zeiten. In einem Glasschrank das Leben eines Volkes!“ O autor citado é Karl von den Steinen (1855-1929), um dos etnólogos alemães mais influentes de sua época e organizador de famosas expedições antropológicas à região do Alto Xingu.

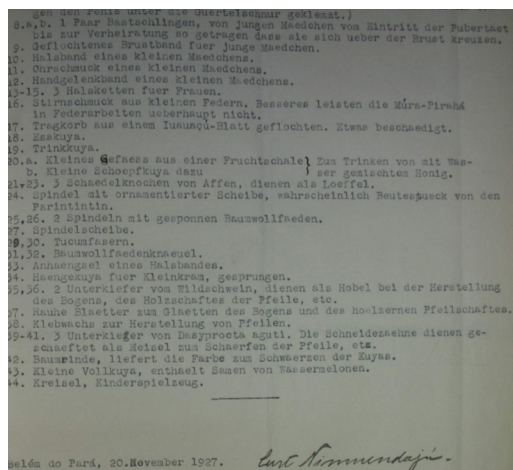


Figura 2 – Recorte de uma lista de objetos anexada a uma carta de Nimuendajú para Fritz Krause, 29 de novembro de 1927, oferecendo objetos etnográficos dos Mura-Pirahã ao Museu Grassi em Leipzig, Alemanha (CELIN/Museu Nacional/UFRJ, Rio de Janeiro; destruída pelo incêndio de setembro de 2018; foto: P.S.)

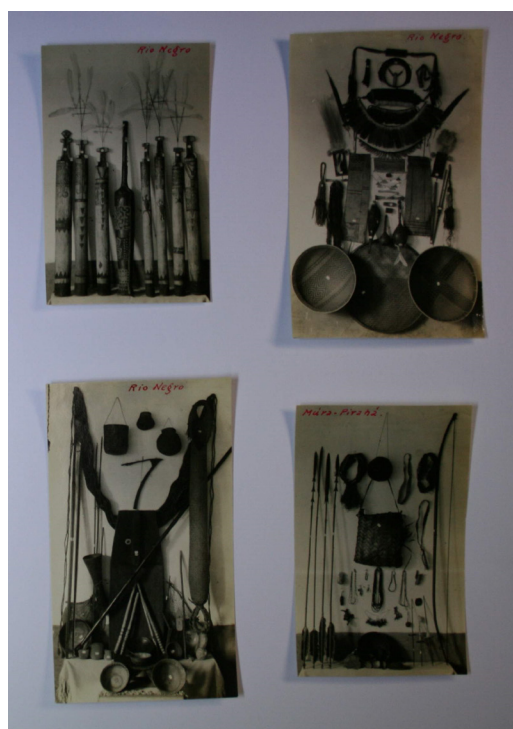


Figura 3 – Fotos de objetos etnográficos do Alto Rio Negro e dos Mura-Pirahã anexadas a uma carta de Nimuendajú para Fritz Krause, 29 de novembro de 1927, oferecendo objetos etnográficos ao Museu Grassi em Leipzig, Alemanha (CELIN/Museu Nacional/UFRJ, Rio de Janeiro; destruída pelo incêndio em setembro de 2018; foto: P.S.)

Como muitos de seus contemporâneos etnólogos alemães, a prática etnográfica de Nimuendajú foi influenciada pela noção de salvamento cultural como um ideal. Por causa de seus frequentes contatos com povos indígenas e de suas experiências como indigenista, ele ficou convencido de que a sobrevivência física e cultural das populações indígenas no Brasil estava em constante perigo e precisava ser defendida. Assim, a etnografia e a coleta de objetos indígenas selecionados para museus eram, para ele, maneiras de salvar ao menos a memória de numerosos povos indígenas. Esse pessimismo quanto ao

futuro dos indígenas no Brasil também foi compartilhado por muitos antropólogos brasileiros por décadas, até a década de 1980, quando começou a ser percebida uma reversão geral nas tendências demográficas,³⁷ embora ele tenha ressurgido sob o governo de extrema direita de Jair Bolsonaro (2019-2022).

A prática de coleta de Nimuendajú não pode ser descrita ou analisada separadamente de seu estilo de trabalho de campo, que pode ser melhor caracterizado como o de um solitário (*Einzelgänger*) e, ao mesmo tempo, como alguém que anda nos limites (*Grenzgänger*): ele sempre recusava propostas de entrar em campo junto com outros pesquisadores e defendia a integração completa à vida indígena, o que ele chamava de “conversão” ou uma espécie de “conversão espiritual”. Como resultado, suas atividades de coleta não tinham nada a ver com roubo, saque ou trapanças, mas envolviam negociações cansativas, pagamentos e trocas por escambo.

Um bom testemunho é uma carta para Fernando de Azevedo, diretor do Instituto de Educação da Universidade de São Paulo, datada de 19 de outubro de 1936:

Com taes vendas de collecções eu conseguia cobrir apenas uma parte das despesas das minhas viagens e longas estadas entre os índios durante as quaes me vejo ás vezes obrigado a prestar-lhes socorros que me ficam mais caros que os trabalhos scientificos e as collecções. O resto do dinheiro eu arranjava lá “como Deus fora servido” contrahindo dividas e pagando-as com sacrificio [...].³⁸

Em setembro de 1928, Nimuendajú iniciou sua primeira expedição para os museus etnológicos de Leipzig, Dresden e Hamburgo, que terminou em maio de 1929. O trabalho de campo foi realizado entre os Apinayé, Krĩkateyé, Kreapimkateyé, Pukobyê, Guajajara e Canela (grupos Apanyekrã e Ramkokamekrã) nas áreas que hoje correspondem aos estados do Tocantins e do Maranhão. Devido a um complicado acordo financeiro entre os três museus, negociado por Fritz Krause (1881-1963), diretor do Museu Grassi em Leipzig, Nimuendajú foi obrigado a coletar três cópias de cada objeto para serem distribuídas entre eles. Em virtude desses compromissos contratuais, ele ficou bastante apreensivo quanto ao sucesso da expedição e explicou suas preocupações a Krause em uma carta datada de 17 de setembro de 1928:

Finalmente, cheguei a uma conclusão depois de fazer compras e de organizar a troca de mercadorias para as diferentes tribos: embora eu tenha excedido consideravelmente o valor planejado para esse fim, percebi que não será suficiente para a execução completa do meu programa. Provavelmente não chegarei aos Apinayé e às bandas situadas ao nordeste deles. Terei de desistir de avançar para os Karaô e os Šerénte no Sul, e os Canellas e Guajajára provavelmente ficarão mal representados. Se fosse apenas uma questão de simplesmente ilustrar a cultura das diferentes tribos, tudo estaria muito bem, mas na minha mente vejo TRÊS longas filas de prateleiras vazias que devo preencher. Não obstante, estou confiante de que conseguirei dar satisfação a todos os três institutos.³⁹

37. Gomes (2017).

38. Ehrlich (1970, p. 190).

39. Orig.: “Zu einer Erkenntnis bin ich uebrigens gekommen nachdem ich die Einkaeufe gemacht und die Tauschwaren fuer die verschiedenen Staemme eingeteilt hatte: Trotzdem ich die zu diesem Zweck vorgesehene Summe bedeutend ueberschritten habe bemerke ich dass sie zu einer restlosen Erledigung meines Programmes nicht ausreichen. Wahrscheinlich werde ich ueber die Apinayé und die ihnen nordoestlich vorgelagerten Horden nicht weit hinauskommen. Den Vorstoss nach Sueden zu den Karaô und Šerénte werde ich aufgeben muessen und die Canellas und Guajajára werden wohl etwas knapp wegkommen. - Wenn es sich nur darum handelte, die verschiedenen Staemme einfach kulturell zu belegen so waere alles gut und schoen, aber vor mir sehe ich im Geist DREI lange Reihen leerer Museumsschraenke stehen die ich alle fuellen soll. Trotzdem glaube ich zuversichtlich dass es mir gelingen wird, alle drei Institute zufrieden zu stellen.” Staatliche Ethnographische Sammlungen Sachsen (SES), Leipzig, 1928/43, Krause, 17 de setembro de 1928. (trad. P.S.)

40. Nimuendajú (2000).

41. Neo-brasileiros é uma palavra usada por Nimuendajú que se refere à população não indígena do Brasil. Implicitamente, os indígenas eram 'brasileiros' ou, em outras palavras, os 'verdadeiros' brasileiros.

42. Orig.: "Die Apinayé empfingen mich ausserordentlich freundlich. Ihr Haeuptling José Dias hatte schon vor zwei Jahren, als ich mit ihm zuerst den Besuch verabredete, seine Leute wohl vorbereitet. Es war als waere ich zu alten Bekannten zurueckgekehrt. Trotzdem war die Aldea auch wieder fuer mich eine der Enttaeusungen wie ich sie fast stets in solchen Faellen zu erleben pflege: Das war leider schon nicht mehr das alte Dorf mit Junggesellenhaus und Maskenhuetten, das mir der Haeuptling vor zwei Jahren aufs Papier gezeichnet hatte. Um einen ziemlich schlecht gereinigten, annaehrend kreisfoermigen Platz standen 5 Huetten neobrasilianischer Bauart; die Bevoelkerung zaeht keine 50 Koepfe. Zwei Jahre hatten genuegt, um Vieles zu veraendern: Eine Grippeepidemie hatte die Kinder und jungen Leute dahingerafft. José Dias hatte eine Reise nach Goyaz und São Paulo unternommen, um gegen die Besetzung des Stammeslandes durch die Neobrasilianer zu protestieren. Man hatte ihn schon tot gesagt, und die Aldea hatte sich auf dieses Geruecht hin aufgeloeset. Schon waren die Brasilianer im Begriff, sein Erbe anzutreten, als José Dias ploetzlich zu ihrem grossen Verdross mit Geschenken beladen zurueckkehrte. Er sammelte den Rest seiner Leute wieder und baute unweit der alten die gegenwaertige Aldea da Bacaba; aber das alte Indianertum ist dahin. Gluecklicherweise gehoert es jedoch noch einer so nahen

Nimuendajú descreveu detalhadamente as circunstâncias complicadas do trabalho de campo nas cartas a Krause (em alemão), mas também em português a Carlos Estevão de Oliveira (1880-1946), diretor do Museu Goeldi de 1930 a 1945 e um dos seus amigos mais importantes e aliados políticos.⁴⁰

Entre os Apinayé, que habitam um território hoje em dia localizado no Estado de Tocantins, ele esperou pacientemente até que objetos antigos, quase esquecidos ou descartados, ressurgissem, mas também incentivou os Apinayé a produzi-los novamente. Ele tentou, por exemplo, revitalizar a fabricação de máscaras, mas não teve sucesso. No final, ele deixou a aldeia com cerca de 300 objetos. A situação na aldeia foi descrita a Krause em uma carta de 9 de novembro de 1928:

Os Apinayé me receberam de uma maneira extraordinariamente amistosa. Seu chefe José Dias havia preparado seu povo há mais de dois anos, quando combinamos pela primeira vez uma visita. Foi como se eu tivesse retornado a velhos conhecidos. Não obstante, a aldeia foi para mim mais uma decepção às quais quase sempre estou habituado em tais casos: infelizmente, a velha aldeia com sua casa dos solteiros e a cabana de máscaras, que o chefe havia desenhado para mim em papel há dois anos, já não existia mais. Cinco cabanas em estilo neo-brasileiro⁴¹ estavam dispostas ao redor de um espaço quase circular pouco limpo; a população soma menos de 50 cabeças. Dois anos foram suficientes para mudar muitas coisas: uma onda de gripe levou embora crianças e jovens. José Dias empreendeu uma viagem a Goiás e São Paulo a fim de protestar contra a ocupação de terras tribais pelos neo-brasileiros. Ele já tinha sido declarado morto e, segundo o rumor, a aldeia já havia se desintegrado. Os brasileiros estavam prestes a assumir sua herança quando José Dias retornou de repente carregando muitos presentes, o que lhes causou grande descontentamento. Ele juntou o resto de seu povo e construiu, não muito longe da antiga, a atual Aldeia da Bacaba; mas o antigo modo de vida indígena está morto e desapareceu. Felizmente, porém, trata-se de um passado tão recente que muitas coisas ainda podem ser recuperadas. José Dias, assim como o velho pajé Nicolau, são tão amistosos e empenhados que acredito que a viagem valeu o transtorno. [...] Aqui não posso ir de cabana em cabana e adquirir uma magnífica coleção em dois dias, como fiz entre os Kayapó. Terei de abrir mão completamente da coleta tríplice e ficaria muito satisfeito se ao menos conseguisse documentar, de forma mais ou menos razoável, a cultura antiga. Em cerca de um mês poderei informar-lhe sobre os resultados entre os Apinayé sob o ponto de vista do museu. Não há necessidade de preocupação excessiva: não será algo muito esplendoroso, mas não será um fracasso. A situação agora pede que se espere pacientemente até que os antigos costumes e objetos reapareçam ocasionalmente. O chefe insiste que eu permaneça POR MAIS UM MÊS. Assim ainda poderei assistir a muitas cerimônias interessantes. Isso não seria possível sem maior permanência. É lógico que também não podemos celebrar o São João e o Natal em apenas uma semana. O velho pajé perguntou insistentemente se eu também trouxera papel suficiente: devo ter uma pilha tão grande que ele possa ditar-me TUDO; agora ele também quer me dar sua filha mais nova em casamento.⁴²

A situação descrita, porém, era bastante calma em comparação com o que Nimuendajú encontraria durante uma de suas expedições ao Canela, no Estado do Maranhão. Em 25 de junho de 1935, ele escreveu a Walter Krickeberg (1885-1962) do Museum für Völkerkunde em Berlim:

Encontrei os índios em condições adversas imprevistas: em abril, uma epidemia de sarampo custou a vida de cerca de 20 crianças. Três dias antes da minha chegada, varíola e influenza haviam irrompido ao mesmo tempo na aldeia. Voltei a Barra do Corda [a cidade mais próxima da região] e providenciei que um enfermeiro do posto de saúde local fosse enviado à aldeia, onde vacinou toda a população. Infelizmente, o material era tão ruim que apenas 10 % das vacinas apresentaram resultados positivos. Como consequência, surgiram rapidamente novos casos de varíola. Contudo, consegui retirar as famílias infectadas da aldeia e isolá-las em cabanas nas suas plantações, e quase parece que a praga tenha desaparecido. Mas ainda assim, muitos índios morreram de influenza e das suas sequelas (bronquite e pneumonia), e um grande número ficou tão debilitado fisicamente que se esperam mais óbitos. [...]

É claro que meu trabalho sofreu muito sob estas circunstâncias desfavoráveis. Do ponto de vista moral, é simplesmente um incômodo para ambas as partes negociar e discutir preços, sendo que sou visto como curandeiro e salvador. No entanto, consegui arranjar cerca de 700 peças. Depois disso, não havia mais nada a obter e o meu dinheiro acabou. Contudo, desse estoque terei que entregar 500 peças ao Museu Nacional (eu tinha prometido 600-700), pois, se não cumprir razoavelmente o meu acordo, posso esperar que eles garantam que, a partir de agora, não poderei continuar a trabalhar de forma alguma.⁴³

Esta carta eloquente ilustra o percurso pessoal e profissional de Nimuendajú na corda bamba, ao buscar combinar três papéis: etnógrafo, coletor e indigenista humanitário. Este último veio primeiro, mas seu interesse profissional nunca foi abandonado. (Figura 4)



Figura 4 – Uma das famosas máscaras *Kokrit* dos Canela adquiridas por Nimuendajú durante sua pesquisa de campo entre os Ramkokamekrã. Uma parte dessas máscaras ainda pode ser encontrada em depósitos de alguns museus como o Ethnologisches Museum de Berlim. Foto tirada por Nimuendajú, ano desconhecido. (Acervo Museu do Estado de Pernambuco/FUNDARPE).

Vergangenheit an dass sich noch vieles wird retten lassen. [...] Von Huette zu Huette ziehen und in 2 Tagen eine Prachtsammlung zusammenkaufen, wie Sie es bei den Kayapó taten, kann ich hier nicht. Auf das Triplikatesammeln muss ich glatt verzichten und heilfroh sein wenn es mir gelingt, die alte Kultur wenigstens einmal mehr oder weniger vollstaendig zu belegen. In ungefaehr einem Monat werde ich Ihnen mitteilen welches vom Museumsstandpunkt aus das Ergebnis bei den Apinayé war. Sie brauchen sich nicht allzusehr zu aengstigen: Es wird nicht sehr glaenzend, aber auch kein Misserfolg sein. Hier heisst es geduldig warten, bis die alten Gebraeuhe und Gegenstaende gelegentlich wieder zum Vorschein kommen. Der Haeuptling dringt darauf, ich solle MINDESTENS einen Monat bleiben, dann wuerde ich noch viele interessante Zeremonien zu sehen bekommen; so ohneweiteres ginge es nicht. Natuerlich koennen wir ja auch nicht Johanni und Weihnachten in einer Woche feiern. Der alte Medizinmann erkundigte angelegentlich, ob ich auch genug Papier mitgebracht habe: so einen hohen Stoss muesse ich haben, damit er mir ALLES diktieren koenne; nun will er mich auch mit seiner juengsten Tochter verheiraten." SES, Leipzig, 1929/71, Krause, S. 736-739, 12 de dezembro de 1929. (trad. P.S.)

43. Orig.: "Ich fand die Indianer in unerwartet unguenstigen Verhaeltnissen: Im April hatte eine Masernepidemie einigen 20 Kindern das Leben gekostet. Drei Tage vor meiner Ankunft waren die Pocken im Dorf ausgebrochen und gleichzeitig die Grippe. Ich kehrte nach Barra do Corda zurueck und setzte es durch dass ein Krankenwaerter des hiesigen Sanitaetspostens

nach dem Dorf geschickt wurde wo er die ganze Bevoelkerung impfte. Leider war das Material so schlecht dass kaum 10% der Impfungen ein positives Ergebnis aufwiesen. Infolgedessen kamen bald neue Pockenfaelle vor. Es gelang mir jedoch, die angesteckten Familien aus dem Dorf zu entfernen und sie in Huetten in ihren Pflanzungen zu isolieren, und es scheint fast als ob die Seuche damit erloschen sei. Dagegen starb noch eine ganze Anzahl von Indianern an der Grippe und deren Folgen (Bronchitis und Lungentzuendung), und eine grosse Anzahl kam koerperlich dermassen herunter, dass wohl noch weitere Toedesfaelle zu erwarten sind. [...] Meine Arbeit litt natuerlich schwer unter diesen unguenstigen Umstaenden. Moralistisch ist es einfach eine Quaelerei fuer beide Teile da schachern und Preise diskutieren zu muessen wo man als Heiler und Retter aus der Not empfangen wird. 700 Nummern habe ich immerhin herausgeschunden, dann war nichts mehr in der Aldea zu haben und mein Geld war ebenfalls zu ende. Von diesem Material muss ich nun aber 500 Nummern dem Museu Nacional abliefern (600-700 hatte ich versprochen), denn wenn ich meine Abmachung mit diesem nicht einigermassen erfuelle so kann ich darauf rechnen dass sie dafuer sorgen dass ich in Zukunft ueberhaupt nicht weiterarbeiten kann." Ethnologisches Museum Berlin, E 468/35, June 25, 1935. (trad. P.S.)

44. Publicada em Nimuendajú (2000, p. 252-256).

45. Aquiles de Faria Lisboa (1872-1951), governador do Maranhão, de 1935 a 1936.

46. João Brulino de Carvalho, delegado do

Nimuendajú retornou aos Ramkokamekrã-Canela no ano seguinte, desta vez com apoio financeiro de instituições americanas, mediado por seu famoso interlocutor Robert Lowie (1883-1957), e com o objetivo de conduzir apenas trabalho de campo etnográfico. Entrando em campo, entretanto, seu compromisso indigenista novamente se tornou prioridade, e ele decidiu empreender a demarcação do território dos Canela como um primeiro passo para garantir seu direito à terra, com a autorização do governador do Maranhão. Em uma carta a Carlos Estevão de Oliveira datada de 3 de julho de 1936, ele explicou:⁴⁴

Consegui do Dr. Achilles⁴⁵ [sic] uma autorização para proceder ao reconhecimento das terras ocupadas pelos Canelas – sem remuneração, nem ajuda de custas, naturalmente – para servir de base à legalização das mesmas. O Dr. João Brulino⁴⁶ propôs-se a apresentar ao Congresso uma lei concedendo-lhes a área que eu achar necessária, e mais uma verbazinha de 15.000\$000 anuais para a demarcação de terras dos índios. Achei que devia aproveitar essas boas vontades e fazer um levantamento expedito, calculando a área total e a área aproveitável para a lavoura. [...]

Imediatamente, e debaixo de todo segredo, comecei então o levantamento das terras, auxiliado pelos índios. Não me foi possível obter em São Luiz nem uma corrente de medição, nem uma bússola prismática. Comprei 20 metros de prender cachorros, coloquei faixas e argolas nela e assim fiz uma boa corrente de medição. Os rumos tive de levantar com minha bússola de mão. Alguns alinhamentos eu medi à corrente, outros levantei à bússola e relógio. Foram 11 dias de duro trabalho, debaixo do sol abrasador dos chapadões,⁴⁷ varando por cerrados, caatingas e serras. Quando os nossos vizinhos se aperceberam do que estávamos fazendo, já o trabalho estava findo – e eu com os meus pés em petição de miséria!

Voltei imediatamente à Barra, trabalhei três dias desenhando como nunca na minha vida e remeti dois exemplares do croquis e os dados necessários, um ao Dr. João Brulino e o outro ao Dr. Antônio Lopes,⁴⁸ visto como o Dr. Achilles já tinha entregue o governo ao Carneiro de Mendonça.⁴⁹

Calculei a área total em 330.000 hectares, dos quais malmente a décima parte prestável para a lavoura: as restingas estreitas e muitas vezes falhadas ao longo dos cursos mais volumosos de água.⁵⁰

Em outra carta a Carlos Estevão de Oliveira, de 1 de setembro de 1936, no entanto, Nimuendajú expressou profunda frustração sobre seus empreendimentos malsucedidos:

Sobre a legalização das terras dos Canelas, nem Antônio Lopes, nem João Brulino me escreveu mais coisa alguma. Provavelmente, com as reviravoltas da política maranhense, tudo ficou outra vez em águas de bacalhau, e eu fui mais uma vez o besta.⁵¹



Figura 5 – Nimuendajú sentado entre um grupo de Ramkokamekrã (do lado esquerdo) depois de uma de suas “conversões” à vida indígena, cerca de 1935 (fotógrafo desconhecido; CELIN/Museu Nacional/UFRJ, Rio de Janeiro).

CONCLUSÃO: VILANIA OU COMPROMISSO?

Depois de muitos textos publicados sobre a vida e obra de Nimuendajú ao longo das décadas – alguns mais superficiais e elogiosos, outros com uma base empírica sólida e distintiva⁵² – será que a sua obra pode ainda ser interpretada como um empreendimento colonial típico levado a cabo por um homem branco heterossexual? A reconstituição cuidadosa do seu trabalho de campo e das suas atividades de coleta, juntamente com a evidência acumulada, sugere que as suas ações e posicionamentos não se enquadram facilmente na categoria de vilania. Afinal, o seu nome era Nimuendajú, não Nimuenda-*Gru*.⁵³

Claro, se alguém aceitar sem questionar uma série de suposições que constituem os fundamentos do que Pluckrose e Lindsay⁵⁴ chamam de Pós-modernismo Aplicado e Reificado, ou se praticar aquilo ao que Hauschild⁵⁵ se refere como uma “retórica da suspeita”, então certamente será possível encontrar, entre as milhares de cartas que Nimuendajú escreveu durante sua vida, uma ou mais palavras, frases ou até mesmo parágrafos inteiros pejorativos ou discriminatórios sobre a população não indígena brasileira — particularmente quando ele próprio teve experiências concretas de xenofobia, que por vezes resultaram em quebras de contrato ou até mesmo prisões pelas autoridades locais. Com suficiente zelo inquisitorial, é possível encontrar passagens que possam servir para denunciar o imigrante alemão que optou pela cidadania brasileira como um “cripto-colonialista”. Por exemplo,

Conselho de Fiscalização do Maranhão a partir de 1934.

47. Uma forma de relevo do Brasil Central caracterizada por formações rochosas cristalinas.

48. Antônio Lopes (1891-1950), um intelectual maranhense ativo em diversas áreas, em especial as culturas populares do seu estado e o seu patrimônio histórico e arquitetônico.

49. Roberto Carlos Vasco Carneiro de Mendonça (1894-1946), Interventor Federal do regime Vargas e sucessor de Aquiles de Faria Lisboa.

50. Nimuendajú (2000, p. 253-256).

51. Nimuendajú (2000, p. 259).

52. Um levantamento bibliográfico completo foi publicado em 2013 (Schröder, 2013), mas ele precisa ser atualizado, de preferência numa publicação em língua inglesa, já que na última década algumas publicações importantes foram lançadas.

53. O vilão Gru é um personagem ficcional e protagonista da franquia *Meu Malvado Favorito*, iniciada em 2010.

54. Pluckrose and Lindsay (2020).

55. Hauschild (2002).

56. Por exemplo, Cardoso de Oliveira (1978).

57. Lewellen (1992, p. 21).

em sua carta a Koch-Grünberg de 10 de maio de 1922 (ver nota 36), há uma frase em que ele usa a palavra “pele-vermelha” (*Rothhaut*) em uma alusão intertextual inequívoca aos romances do autor alemão Karl May (1842-1912).

É evidente que as relações do estado brasileiro com suas populações indígenas podem ser facilmente identificadas como coloniais (ou endocoloniais, expressão frequentemente usada na América Latina,⁵⁶ visto que o Brasil é um país independente desde 1822). Somente recentemente, em 2023, com a criação do Ministério dos Povos Indígenas, chefiado por Sônia Guajajara, uma mudança fundamental começou a surgir em linhas gerais, embora sem quaisquer certezas. As relações de Nimuendajú com os grupos indígenas que ele visitou, no entanto, diferiam radicalmente das práticas estatais contemporâneas. Pelo contrário, podem ser caracterizadas como simétricas. Para ele, havia uma hierarquia clara: os povos indígenas vinham em primeiro lugar (sua sobrevivência física e cultural), seguidos pela etnologia ou linguística (a pesquisa) e só então os museus (a coleta).

O exemplo da vida e obra de Nimuendajú não foi escolhido com o objetivo de praticar o que alguns antropólogos têm chamado “bongo-bongoísmo”⁵⁷ – quer dizer, identificar um caso que não se encaixa em esquemas ou explicações generalizantes, com a intenção de contestá-los e desvalorizá-los –, mas sim para reforçar o meu argumento principal de que o estudo das práticas históricas de organização de coleções para museus etnológicos e outros deve ser conduzido com uma avaliação cuidadosa das biografias dos colecionadores, de modo a evitar a produção e perpetuação de clichés e estereótipos baseados em oposições binárias que admitem apenas duas categorias: vilões e vítimas. Nimuendajú é um exemplo útil que pode ajudar a evitar tais simplificações, embora seja certamente apenas um entre muitos.

AGRADECIMENTOS

A pesquisa sobre vida e obra de Nimuendajú foi financiada pelo CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico) por uma bolsa de produtividade (processo n. 303836/2022-9). O presente trabalho foi realizado em parte com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES), Código de Financiamento 001. O autor expressa sua gratidão aos avaliadores anônimos dos AMP por suas sugestões e também a Anne Haeming e Carl Deußen (organizadores da *Imperial Lives Conference*) por sua sugestão de publicar o trabalho apresentado.

DECLARAÇÃO DE DISPONIBILIDADE DE DADOS

Os dados de pesquisa estão disponíveis no corpo do documento.

SOBRE O AUTOR

Peter Schröder é professor associado do Programa de Pós-Graduação em Antropologia (PPGA) do Departamento de Antropologia e Museologia (DAM), da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Depois de ter recebido o título de Dr. phil. em Etnologia pela Rheinische Friedrich-Wilhelms-Universität Bonn, Alemanha, in 1993, ele realizou pesquisas de pós-doutorado no sul do Ceará, em 1995-97, e na Universidade de Leipzig, em 2010-11. Seus interesses de pesquisa são: sociedades indígenas na América do Sul, antropologia do desenvolvimento, antropologia econômica e história da antropologia. Desde 2009, ele estuda as relações entre a antropologia brasileira e as de língua alemã, com enfoque na vida e obra de Curt Nimuendajú. E-mail: peter.schroder@ufpe.br.

REFERÊNCIAS

Manuscritos

NIMUENDAJÚ, Curt. [remetente]: Erland Nordenskiöld. Världskulturmuseet Göteborg. 7 de fevereiro de 1925. Pasta E 1:15.

NIMUENDAJÚ, Curt. [remetente]: Fritz Krause. Staatliche Ethnographische Sammlungen Sachsen, Leipzig, 17 de setembro de 1928. 1928/43.

NIMUENDAJÚ, Curt. [remetente]: Fritz Krause. Staatliche Ethnographische Sammlungen Sachsen, Leipzig, 9 de novembro de 1928. 1929/71.

NIMUENDAJÚ, Curt. [remetente]: Theodor Koch-Grünberg. Nachlass Theodor Koch-Grünberg, Völkerkundliche Sammlung der Philipps-Universität Marburg, 23 de outubro de 1915. VK MR G.II.1.

NIMUENDAJÚ, Curt. [remetente]: Theodor Koch-Grünberg. Nachlass Theodor Koch-Grünberg, Völkerkundliche Sammlung der Philipps-Universität Marburg, 10 de maio de 1922. VK MR A.33.

NIMUENDAJÚ, Curt. [remetente]: Walter Krickeberg. Ethnologisches Museum Berlin, E 468/35, 25 de junho de 1935.

Livros, artigos e teses

ADAMS, Melanie A. Deconstructing systems of bias in the Museum Field using critical race theory. *Journal of Museum Education*, v. 42, n. 3, p. 290-295, 2017. DOI: 10.1080/10598650.2017.1339172.

ALY, Götz. *Das Prachtboot: Wie Deutsche die Kunstschatze der Südsee raubten*. Frankfurt am Main: Fischer Verlag, 2021.

ASAD, Talal (Ed.). *Anthropology and the Colonial Encounter*. London: Ithaca Press, 1973.

BRÜCKE-MUSEUM *et al.* (Eds.). *Das Museum dekolonisieren? Kolonialität und museale Praxis in Berlin*. Bielefeld: transcript, 2022.

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. A noção de colonialismo interno na etnologia. In: Cardoso de Oliveira, Roberto. *Sociologia do Brasil indígena*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978. p. 75-82.

EHRlich, Selma. Cartas de Curt Nimuendajú a Fernando de Azevedo. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, v. 9, p. 188-200, 1970. Disponível em: <https://tinyurl.com/3e8twk4f>. Acesso em: 28 Ago. 2025.

FARABEE, William Curtis. The Apalai. *The Museum Journal*, v. 10, p. 102-116, 1919.

FERREIRA, Lúcio Menezes. Arqueologia do Sul do Brasil e política colonial em Hermann von Ihering. *Anos 90*, v. 12, n. 21/22, 2005. DOI: 10.22456/1983-201X.6380.

GOMES, Mércio Pereira. *Os índios e o Brasil: passado, presente e futuro*. São Paulo: Contexto, 2017.

GUGGEIS, Karin. Strategien zwischen Wissenschaft und Wirtschaft: Das Münchner Völkerkundemuseum und die Hamburger Handelsfirmen Umlauff. *Münchner Beiträge zur Völkerkunde – Jahrbuch des Staatlichen Museums für Völkerkunde München*, v. 13, p. 23-91, 2009.

HALBMAYER, Ernst. Indigenous peoples and the transformations of modernity: Introductory thoughts on contemporary indigenities. In: *Indigenous Modernities in South America*. Canon Pyon: Sean Kingston Publishing, 2018. p. 1-28.

HAUSCHILD, Thomas. Zur Kritik der postkolonialen Kritik: Spurensuche in Malinowskis ethnologischen Fotografien. *Fotogeschichte*, v. 84, p. 13-32, 2002.

KRAUS, Michael. *Bildungsbürger im Urwald: Die deutsche ethnologische Amazonienforschung (1884-1929)*. Marburg: Förderverein “Völkerkunde in Marburg”, 2004.

KRAUS, Michael. Nimuendajú, Farabee and the *Apalai* – some considerations on the process of collecting, digitizing and publishing ethnographic data. In: HOFFMANN, Beatrix; NOACK, Karoline (Eds.). *APALAI – TIRIYÓ – WAYANA ... objects_collections_databases*. Aachen: Shaker Verlag, 2017. p. 69-86.

KUPER, Adam. *The Museum of Other People: From Colonial Acquisitions to Cosmopolitan Exhibitions*. London: Profile Books, 2023.

LECLERC, Gérard. *Anthropologie et colonialisme* : essai sur l'histoire de l'africanisme. Paris: Éditions Fayard, 1972.

LEGASSICK, Martin; RASSOOL, Ciraj. *Skeletons in the Cupboard*: South African Museums and the Trade in Human Remains, 1907-1917. Cape Town: South African Museum, 2000.

LEWELLEN, Ted. C. *Political anthropology*: an introduction. 2a ed. Westport: Bergin & Garvey, 1992.

LONETREE, Amy. *Decolonizing Museums*: Representing Native America in National and Tribal Museums. Chapel Hill: University of North Carolina Press, 2012.

MALINOWSKI, Bronislaw. *Argonauts of the Western Pacific*: An Account of Native Enterprise and Adventure in the Archipelagoes of Melanesian New Guinea. London: Routledge & Kegan Paul, 1922.

MENCHÉN, Georg. *Nimuendajú – Bruder der Indianer*. Leipzig: VEB Brockhaus, 1979.

NIMUENDAJÚ, Curt. Die Sagen von der Erschaffung und Vernichtung der Welt als Grundlagen der Religion der Apapocúva-Guaraní. *Zeitschrift für Ethnologie*, v. 46, p. 284-403, 1914.

NIMUENDAJÚ, Curt. *Cartas do Sertão de Curt Nimuendajú para Carlos Estevão de Oliveira*. Lisboa: Museu Nacional de Etnologia, 2000.

NIMUENDAJÚ, Curt. *In Pursuit of a Past Amazon*: Archaeological Researches in the Brazilian Guyana and in the Amazon Region. Göteborg: Världskulturmuseet, 2004.

OLIVEIRA, João Pacheco de. Fazendo etnologia com os caboclos do Quirino: Curt Nimuendaju e a história ticuna. In: *Ensaio em antropologia histórica*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1999. p. 60-96.

ONCIUL, Bryony. *Museums, Heritage and Indigenous Voice*: Decolonizing Engagement. New York: Routledge, 2015.

PACZENSKY, Gert von; GANSLMAYR, Herbert. *Nofretete will nach Hause*: Europa – Schatzhaus der Dritten Welt. München: Bertelsmann, 1984.

PANE BARUJA, Salvador. *Curt Nimuendajú – o alemão que virou índio no Brasil*. 2014. Disponível em: http://etnolinguistica.wdfiles.com/local--files/biblio%3Apane-baruja-2014-curt/pane_baruja_2014_curt.pdf. Acesso em: 12 Maio 2025.

PENNY, H. Glenn. *Objects of Culture*: Ethnology and Ethnographic Museums in Imperial Germany. Chapel Hill: University of North Carolina Press, 2002.

PETSCHELIES, Erik. *Ascensão e declínio da etnologia alemã (1884-1950)*. Campinas: Editora da Unicamp, 2022.

PETSCHELIES, Erik. O Museu Paulista, Hermann von Ihering (1850-1930) e os ameríndios. *Revista de Antropologia*, v. 66, n. 1, e202287, 2023. DOI: 10.11606/1678-9857.ra.2023.202287.

PLUCKROSE, Helen; LINDSAY, James. *Cynical Theories*. Durham: Pitchstone Publishing, 2020.

SANJAD, Nelson. Nimuendajú, a Senhorita Doutora e os “etnógrafos berlinenses”: rede de conhecimento e espaços de circulação na configuração da etnologia alemã na Amazônia no início do século XX. *Asclepio*, v. 71, n. 2, p. 273, 2019. DOI: 10.3989/asclepio.2019.14.

SCHRÖDER, Peter. Curt Nimuendajú e os museus etnológicos na Alemanha. *Revista Antropológicas*, Recife, v. 22, n. 1, p. 148-167, 2011. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/index.php/revistaanthropologicas/article/view/23740>. Acesso em: 12 Maio 2025.

SCHRÖDER, Peter. Curt Unckel Nimuendajú – um levantamento bibliográfico. *Revista Tellus*, ano 13, n. 24, p. 39-76, 2013. Disponível em: <https://tinyurl.com/2ndvm8me>. Acesso em: 28 Ago. 2025.

SCHRÖDER, Peter. Nimuendajú e o Museu Etnológico de Berlim: história de uma coleção (quase) esquecida. *Bérose – Encyclopédie internationale des histoires de l'anthropologie*. Paris: IIAC-LAHIC, 2019a. Disponível em: <https://www.berose.fr/article1647.html>. Acesso em: 28 Ago. 2025.

SCHRÖDER, Peter. “Three long rows of empty shelves” to fill: Curt Nimuendajú as collector and researcher for ethnological museums in Germany, 1928-1930. *Revista de Antropologia*, v. 62, n. 1, p. 217-240, 2019b. DOI: 10.11606/2179-0892.ra.2019.157040.

SCHRÖDER, Peter. (Re)aproximando-se e afastando-se da Alemanha: Curt Nimuendajú como parte de redes transnacionais de antropólogos. *Horizontes Antropológicos*, v. 28, n. 62, p. 211-255, 2022. DOI: 10.1590/S0104-71832022000100007.

SOUZA, Breno Sabino Leite de. *Etnografia, arqueologia e indigenismo no Museu Paulista: índios, colonização e a construção do Brasil Meridional de Hermann von Ihering (1894-1916)*. 2021. Tese (Doutorado) – Casa de Oswaldo Cruz, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2021.

TAMBASCIA, Christiano Key. “Não sei como hei de viver”: os bastidores da etnografia de Curt Nimuendajú. *Bérose – Encyclopédie internationale des histoires de l'anthropologie*. Paris: IIAC-LAHIC, 2020. Disponível em: <https://www.berose.fr/article2033.html>. Acesso em: 28 Ago. 2025.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo Batalha. Nimuendajú e os Guarani. In: NIMUENDAJÚ, Curt. *As lendas da criação e destruição do mundo como fundamentos da religião dos Apapocuíva-Guarani*. São Paulo: Hucitec/ Edusp, 1987. p. XVII-XXXVIII.

WELPER, Elena Monteiro. *Curt Unckel Nimuendajú: um capítulo alemão na tradição etnográfica brasileira*. 2002. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2002.

WELPER, Elena Monteiro. Da vida heroica ao diário erótico: sobre as mortes de Curt Nimuendajú. *Mana*, v. 22, n. 2, p. 551-586, 2016. DOI: 10.1590/1678-49442016v22n2p551.

WELPER, Elena Monteiro (Ed.). *Chamado da selva: correspondência entre Curt Nimuendajú e Herbert Baldus*. Rio de Janeiro: Camera Books, 2019.

Sites

HAUSER-SCHÄUBLIN, Brigitta. Kolonialismus: Warum das Luf-Boot im Humboldt-Forum bleiben darf. *DIE ZEIT*, Hamburg, n. 29/2021, July 15, 2021. Disponível em: <https://tinyurl.com/3kc3v7e5>. Acesso em: 28 Ago. 2025.

IMPERIAL LIVES // Day 1: Panel “Science and violence”. [S. l.: s. n.], 2023. 1 video (115 minutes). Published by the channel imperiallives. Disponível em: <https://vimeo.com/818381106>. Acesso em: 28 Ago. 2025.

NASH, Stephen E. In defense of museums. *SAPIENS*, October 25, 2023. Disponível em: <https://tinyurl.com/5a96k8vw>. Acesso em: 28 Ago. 2025.

Artigo submetido em: 19/01/2025. Aprovado em: 02/06/2025.

Editores responsáveis: Maria Aparecida de Menezes Borrego e David Ribeiro.



All the contents of this journal, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution License